

Zonas de Protecção Especial

ZPE

SERRA DO GERÊS

CÓDIGO

PTZPE0002

DATA E DIPLOMA DE CLASSIFICAÇÃO

Decreto de Lei n.º 384-B/99 de 23 de Setembro de 1999

ÁREA

63 438 ha

CÓDIGOS NUT

PT111 - Minho-Lima - 55 %

PT112 - Cávado - 15 %

PT118 - Alto Trás-os-Montes - 30 %

CONCELHOS ENVOLVIDOS

CONCELHO	ÁREA (ha)	% DO CONCELHO CLASSIFICADO	% DA ZPE NO CONCELHO
Arcos de Valdevez	16887,407	38 %	27 %
Melgaço	9976,585	43 %	16 %
Monção	11,645	0,06 %	0,02 %
Montalegre	15443,63	19 %	25 %
Ponte da Barca	8197,763	44 %	13 %
Terras de Bouro	11294,668	41 %	18 %

RELAÇÕES COM OUTRAS ÁREAS CLASSIFICADAS DE ÂMBITO NACIONAL

Parque Nacional da Peneda-Gerês (84 %) - Diploma de classificação: Decreto-Lei n.º 187/71 de 8 de Maio

RELAÇÕES COM ÁREAS CLASSIFICADAS DE ÂMBITO INTERNACIONAL

Sítio da Lista Nacional de Sítios Rede Natura 2000 / SIC Peneda/Gerês (92%) - Diploma de classificação: Resolução do Conselho de Ministros n.º 142/97 de 28 de Agosto; Decisão da Comissão de 7 de Dezembro de 2004 que adopta, nos termos da Directiva 92/43/CEE do Conselho, a lista dos Sítios de Importância Comunitária da região biogeográfica atlântica.

Reserva Biogenética (Conselho da Europa): Matas de Palheiros-Albergaria - 3 %

CARACTERIZAÇÃO

Situada na região noroeste do País a ZPE serra do Gerês desenvolve-se entre os planaltos de Castro Laboreiro e Mourela incluindo grande parte das serras da Peneda, Soajo, Amarela e Gerês, onde atinge a altitude de 1545 metros. A região caracteriza-se por um relevo muito vigoroso, sendo a serra do Gerês a que melhor espelha esta característica, com a sua paisagem de cristas aguçadas, escarpas verticais e desfiladeiros profundos. Em termos geológicos a ZPE é maioritariamente ocupada por maciços graníticos e por pequenas faixas de xisto. A paisagem da região é fortemente marcada pela presença de bosques caducifólios dominados pelo carvalho-alvarinho e (ou) carvalho-negral. Os matos, comunidades arbustivas em geral de substituição, cobrem também grande parte da região, destacando-se os urzais, matos típicos de montanha que atingem no Gerês 1500 metros

Zonas de Protecção Especial

de altitude. A agro-pecuária é a actividade dominante em grande parte da ZPE. Uma agricultura de minifúndio complementa-se com a pastorícia que é exercida por exemplo, nos dois grandes planaltos da região: Castro Laboreiro e Mourela. São regiões de clima extremo mas com uma enorme diversidade de habitats, tais como pastagens, lameiros e carvalhais alternados com matos e pinhais, formando uma paisagem de mosaico, plena de facetas.

Se a tudo isto acrescentarmos a posição geográfica da região, fronteira das regiões Eurosiberiana e Mediterrânica temos os factores que determinam a confluência de espécies de aves de origem diversa.

A análise biogeográfica mostra entre os vários grupos avifaunísticos espécies de origem paleártica (35%), europeia (16%), holártica (11%), euro-turquestana (9%) e mediterrânica (6%), denunciando a existência quer de ambientes de carácter nortenho quer meridional. A ZPE serra do Gerês é o limite sul de distribuição europeia de algumas espécies que em Portugal possuem populações diminutas: cartaxo-nortenho *Saxicola rubetra* e escrevedeira-amarela *Emberiza citrinella*. Entre as cerca de 130 espécies aqui existentes deve-se realçar também a presença do picanço-de-dorso-ruivo *Lanius collurio*, da sombría *Emberiza hortulana*, da gralha-de-bico-vermelho *Pyrrhonorax pyrrhonorax* e da narceja *Gallinago gallinago*. A ZPE Gerês é actualmente o único local conhecido onde esta espécie nidifica, em todo o território continental. Também sobre a coruja-do-nabal *Asio flammeus* existem dados recentes que indiciam a possível nidificação irregular da espécie. De referir, finalmente, a presença de algumas espécies de rapinas diurnas como o tartaranhão-azulado *Circus cyaneus* e o Falcão-abelheiro *Pernis apivorus*, muito raros no restante território nacional.

ESPÉCIES ALVO DE ORIENTAÇÕES DE GESTÃO - Aves do Anexo I da Directiva 79/409/CEE e Migradoras não incluídas no Anexo I

CÓDIGO	ESPÉCIE	ESPÉCIE ALVO / CRITÉRIO	ANEXO I
A072	<i>Pernis apivorus</i>	C6	Sim
A073	<i>Milvus migrans</i>	C6	Sim
A080	<i>Circus gallicus</i>	B2, C6	Sim
A082	<i>Circus cyaneus</i>	C6	Sim
A084	<i>Circus pygargus</i>	C6	Sim
A091	<i>Aquila chrysaetos</i>	C6	Sim
A103	<i>Falco peregrinus</i>	C6	Sim
A153	<i>Gallinago gallinago</i>	B3	
A215	<i>Bubo bubo</i>	C6	Sim
A224	<i>Caprimulgus europaeus</i>	C6	Sim
A246	<i>Lullula arborea</i>	C6	Sim
A255	<i>Anthus campestris</i>	C6	Sim
A338	<i>Lanius collurio</i>	C6	Sim
A346	<i>Pyrrhonorax pyrrhonorax</i>	C6	Sim
	Passeriformes migradores de matos e bosques	A3, C6	

Outras Aves do Anexo I da Directiva 79/409/CEE e Migradoras não incluídas no Anexo I

CÓDIGO	ESPÉCIE	ANEXO I
A092	<i>Hieraaetus pennatus</i>	Sim
A093	<i>Hieraaetus fasciatus</i>	Sim
A099	<i>Falco subbuteo</i>	
A113	<i>Coturnix coturnix</i>	
A142	<i>Vanellus vanellus</i>	
A155	<i>Scolopax rusticola</i>	
A210	<i>Streptopelia turtur</i>	
A211	<i>Clamator glandarius</i>	
A212	<i>Cuculus canorus</i>	

Zonas de Protecção Especial

A214	<i>Otus scops</i>	
A222	<i>Asio flammeus</i>	Sim
A226	<i>Apus apus</i>	
A229	<i>Alcedo atthis</i>	Sim
A233	<i>Jynx torquilla</i>	
A256	<i>Anthus trivialis</i>	
A251	<i>Hirundo rustica</i>	
A253	<i>Delichon urbica</i>	
A257	<i>Anthus pratensis</i>	
A267	<i>Prunella collaris</i>	
A271	<i>Luscinia megarhynchos</i>	
A274	<i>Phoenicurus phoenicurus</i>	
A275	<i>Saxicola rubetra</i>	
A277	<i>Oenanthe oenanthe</i>	
A280	<i>Monticola saxatilis</i>	
A284	<i>Turdus pilaris</i>	
A285	<i>Turdus philomelos</i>	
A286	<i>Turdus iliacus</i>	
A300	<i>Hippolais polyglotta</i>	
A302	<i>Sylvia undata</i>	Sim
A304	<i>Sylvia cantillans</i>	
A309	<i>Sylvia communis</i>	
A310	<i>Sylvia borin</i>	
A313	<i>Phylloscopus bonelli</i>	
A316	<i>Phylloscopus trochilus</i>	
A317	<i>Regulus regulus</i>	
A319	<i>Muscicapa striata</i>	
A322	<i>Ficedula hypoleuca</i>	
A337	<i>Oriolus oriolus</i>	
A365	<i>Carduelis spinus</i>	
A376	<i>Emberiza citrinella</i>	
A379	<i>Emberiza hortulana</i>	Sim

PRINCIPAIS USOS E OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO COM RESPECTIVAS PERCENTAGENS

Tipo de uso do solo	Área (ha)	Percentagem (%)
Áreas agro/ silvo/ pastoris	5811,06	9,24
Áreas agrícolas arvenses	3281,231	5,21
Áreas agrícolas arbóreas arbustivas	655,009	1,04
Matos e Pastagens naturais	27333,78	43,44
Floresta	5600,392	8,90
Zonas húmidas	389,326	0,62
Outros (áreas urbanas e industriais, áreas sem coberto vegetal)	19787,759	31,45
Sem cartografia	63,588	0,10

Fonte– COS 90

Zonas de Protecção Especial

CARACTERIZAÇÃO AGRO-FLORESTAL

Área da ZPE: 27% Agrícola e 69% Florestal

Uso Agrícola - SAU: 16 998 ha:

Culturas Principais (% da SAU)	OTE Principais (% da SAU)
Pastagens permanentes: 94%; Forragens/Prados tempor.: 4%;	OTE Pecuárias: 50% - Espec. Bovinos Leite: 23%; - Bovinos Leite Dominante: 11%; - Herbívoros: 13%;

- Nº explorações agrícolas: 793;
- SAU por exploração: 21 ha
- SAU irrigável: 13%; SAU menos produtiva: 85%

Uso Florestal- 43 643 ha:

Tipo	% área do Sítio	Composição
Matos	54%	
Espécies	15%	6% Outras Folhosas, 5% Carvalhos; 4% Pinheiro Bravo; 1% Eucalipto
Incêndios (90-93)	25%	

1. Dinâmicas Socio-económicas

- Dinâmicas Territoriais: 100% da área da ZPE Rural Frágil
- Propensão para o Abandono - % da SAU da ZPE:
 - com Rend.Trabalho < 60% da média da região-17%
 - com elevado risco de abandono após desligamento total das ajudas - 29%

2. Sistemas dominantes:

Os espaços florestais têm uma expressão muito representativa. Os matos ocupam metade da área do Sítio e os povoamentos florestais são dominados por folhosas.

No uso agrícola predomina a Polipequária extensiva de bovinos autóctones, pequenos ruminantes e equinos, com amplo recurso a terrenos baldios; as produções agrícolas de batata e outras hortícolas bem como de cereais obtidas em pequenas quantidades, nas áreas particulares de reduzidas dimensões, destinam-se, sobretudo, ao autoconsumo e à autoutilização. As fruteiras e vinha quando existem assumem um carácter de satisfação social tendo uma contribuição marginal na economia das populações.

Espera-se alguma consolidação e evolução deste sistema de produção agro-silvopastoril com a implementação do Plano Zonal no âmbito das medidas agro-ambientais (Portaria nº 176/2005), no entanto trata-se de uma região fortemente deprimida e em continuo processo de abandono.

3. Programas / Projectos Específicos**3.1 Programas de apoio**

Tratando-se de uma área que na sua maior parte é ocupada pelo Parque Nacional da Peneda Gerês, é de considerar o Plano Zonal cuja implementação se iniciou em 2005, envolvendo logo no 1º ano a generalidade das áreas de baldio existentes nesta zona.

3.2. Produtos de qualidade

A ZPE está inserida nas áreas geográficas de produção de “Carne Barrosã”(DOP), “Carne Cachena da Peneda”(DO), “Cabrito das Terras Altas do Minho”(IGP) e “Mel das Terras Altas do Minho”(DOP).

Zonas de Protecção Especial

INDICADORES SOCIOECONÓMICOS

Indicador	ZPE	Total Rede <i>natura</i>	Portugal Continental	Unidade	Período
População residente HM	4764	329376	10356117	indivíduos	2001
População Presente HM	4337	313188	10148259	indivíduos	2001
Densidade populacional	7,57	17,08	113,20	hab/km ²	2001
Taxa de actividade	27,14	38,14	48,20	%	2001
Índice de Poder de Compra	0,32	48,68	96,55	%	2002
Percentagem de população agrícola	46,30	15,93	11,38	%	1999
Taxa de produtores agrícolas singulares com idade entre 25 e 55 anos	37,52	32,88	34,15	%	1999
Taxa de produtores agrícolas singulares com idade superior a 55 anos	62,48	67,12	65,85	%	1999
Percentagem de área agrícola beneficiada pelas medidas agro-ambientais	8,82	2,10	2,20	%	2001
Percentagem de ocupação da área agrícola	6,29	27,59	35,29	%	1990
Percentagem de ocupação do coberto florestal	15,61	31,27	36,91	%	1990

Fonte – COS 90, INE e MADRP

FACTORES DE AMEAÇA

Os incêndios florestais constituem talvez a maior ameaça à diversidade de aves, quer pela destruição dos habitats quer pela diminuição dos recursos alimentares, sobretudo no que diz respeito a algumas espécies de rapina diurnas como o tartaranhão-cinzento *Circus cyaneus*. As queimadas dos pastores, efectuadas ao longo do ano, desde que o tempo permaneça seco, é uma outra ameaça gravíssima e factor determinante no empobrecimento ecológico da região.

O abandono de certas práticas agrícolas tradicionais e a invasão de espécies vegetais exóticas, como a *Acacia dealbata* (em especial na região do Gerês) constituem também factores de empobrecimento ecológico.

De destacar igualmente a drenagem de certas áreas - actividade ligada ao melhoramento de pastagens - originando uma diminuição de algumas populações de aves, com destaque para a narceja *Gallinago gallinago*, cujo último refúgio no continente, como espécie nidificante, é a ZPE Gerês.

Outro aspecto de origem antrópica e que afecta sobretudo as aves rupícolas são as actividades turísticas, com destaque para os desportos de aventura como a escalada, o *rappel* e o *canyoning*, que tem motivado uma diminuição das populações de várias espécies como a águia-real *Aquila chrysaetos*.

A abertura de caminhos florestais, para extracção de madeira, a construção de infra-estruturas, como linhas eléctricas, e a utilização de venenos para combater predadores, constituem outros factores de ameaça para as populações de aves da ZPE.

ORIENTAÇÕES DE GESTÃO

As orientações de gestão para a ZPE do Gerês são dirigidas para a conservação de todas as comunidade de aves da região com destaque para as aves rupícolas, as aves florestais e certas espécies que utilizam como habitat formações arbustivas, contíguas a áreas onde se pratica um conjunto de actividades agro-pecuárias.

Neste âmbito deverá ser encarada como fundamental a manutenção das actividades agro-pecuárias tradicionais, nomeadamente o cultivo de cereais como o centeio, a manutenção dos lameiros e a pastorícia (gado bovino) em regime extensivo.

Zonas de Protecção Especial

Paralelamente, e em linhas gerais deverá ser assegurada a recuperação da vegetação autóctone, nomeadamente a recuperação e (ou) conservação dos carvalhais galaico-portugueses, dos pinhais autóctones de *Pinus sylvestris* e das formações arbustivas naturais. Um aspecto a levar em conta é a urgência na recuperação das turfeiras e da vegetação arbustiva que as envolve, de forma a permitir a conservação de determinadas espécies de aves a elas associadas.

Em termos turísticos e dado que a região representa uma enorme apetência para este sector é fundamental a conclusão do regulamento das actividades, em especial da escalada e do *rappel*.

A abertura de caminhos florestais deverá ter um tratamento especial, encerrando as estradas sem utilização, e obrigando os industriais do sector a um plano detalhado sempre que pretendam extrair material lenhoso. Por exemplo a obrigatoriedade de recuperação da zona após a extracção da madeira.

Tratando-se de uma região sujeita a alguma pressão cinegética, por força da criação de Zonas de Caça Associativa em algumas parcelas da ZPE, interessa assegurar que a caça caminhe para uma maior sustentabilidade e que seja conseguida uma redução ao nível da perseguição dos predadores. Será assim necessário trabalhar em parceria com as associações de caçadores por forma a gerir da melhor forma as populações de espécies cinegéticas.

As orientações de gestão identificadas nesta ficha decorrem da transposição das orientações associadas ao conjunto de valores naturais que motivaram a classificação da ZPE “Espécies alvo de orientações de gestão” e que uma vez tidas em conta levarão á conservação não só destas espécies, mas de todas as espécies de aves de conservação obrigatória nesta área.

DETALHE DAS ORIENTAÇÕES DE GESTÃO COM REFERÊNCIA AOS VALORES NATURAIS

AGRICULTURA E PASTORÍCIA

Assegurar a manutenção de usos agrícolas extensivos

Anthus campestris; Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circaetus gallicus; Circus cyaneus; Circus pygargus; Falco peregrinus; Lanius collurio; Lullula arborea; Pernis apivorus; Pyrrhocorax pyrrhocorax; Passeriformes migradores de matos e bosques

Assegurar mosaico de habitats

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circus cyaneus; Lanius collurio; Pyrrhocorax pyrrhocorax; Pernis apivorus; Passeriformes migradores de matos e bosques

Condicionar drenagem

Gallinago gallinago

Incrementar sustentabilidade económica de actividades com interesse para a conservação

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circus pygargus; Circus cyaneus; Emberiza citrinella; Falco peregrinus; Gallinago gallinago; Lanius collurio; Pyrrhocorax pyrrhocorax; Pernis apivorus; Passeriformes migradores de matos e bosques

Manter práticas de pastoreio extensivo

Anthus campestris; Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circus cyaneus; Circus pygargus; Circaetus gallicus; Lanius collurio; Lullula arborea; Pyrrhocorax pyrrhocorax

Promover a manutenção de prados húmidos

Gallinago gallinago

Reduzir risco de incêndio

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circus pygargus; Circus cyaneus; Gallinago gallinago; Lanius collurio; Pyrrhocorax pyrrhocorax; Passeriformes migradores de matos e bosques

Zonas de Protecção Especial

SILVICULTURA

Assegurar mosaico de habitats

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circaetus gallicus; Circus cyaneus; Circus pygargus; Lanius collurio; Milvus migrans; Pernis apivorus; Pyrrhocorax pyrrhocorax

Conservar / promover sebes, bosquetes e arbustos

Circaetus gallicus; Lanius collurio; Lullula arborea; Passeriformes migradores de matos e bosques; Pernis apivorus

Conservar / recuperar povoamentos florestais autóctones

Circaetus gallicus; Milvus migrans; Passeriformes migradores de matos e bosques; Pernis apivorus

Conservar / recuperar vegetação ribeirinha autóctone

Milvus migrans

Conservar / recuperar vegetação dos estratos herbáceo e arbustivo

Aquila chrysaetos; Passeriformes migradores de matos e bosques

Incrementar sustentabilidade económica de actividades com interesse para a conservação

Circus pygargus; Circus cyaneus; Gallinago gallinago; Lanius collurio; Passeriformes migradores de matos e bosques

Promover regeneração natural

Circaetus gallicus; Pernis apivorus

Reduzir risco de incêndio

Circaetus gallicus; Milvus migrans; Pernis apivorus

CONSTRUÇÃO E INFRA-ESTRUTURAS

Condicionar a construção de infra-estruturas

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circaetus gallicus; Circus cyaneus; Circus pygargus; Falco peregrinus; Milvus migrans; Pyrrhocorax pyrrhocorax

Condicionar expansão urbano-turística

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circus cyaneus; Circus pygargus; Falco peregrinus; Pyrrhocorax pyrrhocorax

Reduzir mortalidade acidental associada a linhas de transporte de energia

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circaetus gallicus; Circus cyaneus; Circus pygargus; Falco peregrinus; Milvus migrans; Pernis apivorus

Restringir construção de barragens em zonas sensíveis

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Falco peregrinus

OUTROS USOS E ACTIVIDADES

Implementar gestão cinegética compatível com conservação espécie

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Circaetus gallicus; Circus cyaneus; Circus pygargus; Milvus migrans; Pernis apivorus

Zonas de Protecção Especial

Condicionar acessos

Aquila chrysaetos; Falco peregrinus; Circaetus gallicus; Pyrrhocorax pyrrhocorax

Ordenar / Regular a actividade de observação de espécies da fauna

Aquila chrysaetos; Circaetus gallicus; Circus cyaneus; Falco peregrinus; Milvus migrans; Pernis apivorus

Ordenar actividades de recreio e lazer

Aquila chrysaetos; Circaetus gallicus; Circus pygargus; Falco peregrinus; Pyrrhocorax pyrrhocorax

ORIENTAÇÕES ESPECÍFICAS

Controlar efectivos de animais assilvestrados

Anthus campestris; Aquila chrysaetos; Circus pygargus

Promover alimentação artificial (Criar / Gerir campos de alimentação de aves necrófagas)

Aquila chrysaetos

Estabelecer programa de repovoamento / fomento / reintrodução de presas

Aquila chrysaetos; Bubo bubo

Impedir introdução de espécies não autóctones / controlar existentes

Anthus campestris; Circus pygargus; Passeriformes migradores de matos e bosques

Preservar os maciços rochosos e habitats rupícolas associados

Aquila chrysaetos; Bubo bubo; Falco peregrinus